PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 146 Fevereiro-Março de 1981 Ano - XVI

NESTE NÚMERO:

Militarismo Reacionário, Inimigo do Povo e da Democracia

A verdade dói mas precisa ser dita, reza o provérbio popular. Inês Etienne Romeu, uma das muitas pessoas torturadas neste país, revelou com detalhes e fatos concretos sua prisão em cárcere privado e as sevícias que lá sofreu sob a direção de um alto oficial da Aeronáutica. Um pouco antes, os familiares dos desaparecidos no Araguaia davam a conhecer um relatório do que viram e ouviram nas pesquisas feitas no local, que confirmam terem sido friamente assassinados pelas Forças Armadas remanescentes da guerrilha ali verificada. Estas denúncias causaram impacto na opinião pública e levantaram inúmeros protestos.

Imediatamente, entraram em cena os militares. "Revanchismo", berraram. "A revolução de 1964 não pode ser levada ao banco dos réus, somos os vencedores", assim disseram. E exigiram o completo silêncio das barbaridades cometidas, sob pena de voltarem à carga com a censura e a repressão.

Que significa tudo isto? Significa que os militares se colocam como juízes supremos da nação. Significa que o país vive à margem da lei. E significa, ao mesmo tempo, que para alcançar a liberdade política e pôr em mãos do povo o destino do país, é preciso liquidar o regime militar, que domina há dezessete anos, e varrer para sempre a praga do militarismo reacionário.

Os generais dizem que houve uma guerra e que tinham, portanto, o direito de fazer com os adversários o que bem entendessem. Uma guerra *sui-generis*, sem declaração, uma guerra da minoria fardada e armada até os dentes contra o povo indefeso, que se algum crime cometeu foi o de ter protestado e lutado contra uma ditadura infame. Como bestas-feras, as Forças Armadas investiram, indiscriminadamente, contra operários, camponeses, estudantes, jornalistas, artistas, intelectuais, deputados, padres e freiras. Empregaram a tortura mais requintada, os

processos mais vis de inquirição, mataram inúmeros presos políticos. Agora, opõem-se arrogantemente à revelação de seus crimes.

Mas a nação precisa conhecer tudo que se passou no sub-mundo da repressão nestes negros anos de ditadura fascista. Não por revanchismo, propriamente dito. Para educar o povo e prevenir o futuro. Temem o ódio da população? Esse ódio já existe e não se apaga simplesmente com as ameaças de volta à selvageria. É um ódio sagrado, profundamente respeitável. A anistia não absolve mandantes e executantes de crimes comuns, de lesa-humanidade. O esquecimento, invocado pelos militares, não se justifica.

E não se justifica porque o ocorrido neste período da ditadura constitui tradição das Forças Armadas. Toda a história do nosso país, a partir da Independência, está marcada por atos de igual natureza. Desde a Guerra do Paraguai, onde se praticou o genocídio do povo guarani; passando por Canudos, pela revolta da chibata na Marinha, pelo Contestado, até a época do Estado Novo pontificou sempre o barbarismo das Forças Armadas. Os adversários eram exterminados maciçamente, submetidos a tratamentos humilhantes e indignos. Em seguida, os militares exigiam o silêncio das atrocidades por eles praticadas. E os responsáveis eram transformados em "heróis" e "pacificadores".

Em qualquer regime capitalista, as Forças Armadas são o principal componente do Estado, instrumentos de repressão e violências contra o povo. Existem para subjugar os trabalhadores e as massas populares a defender os poderosos. Mas há diferenças, dependendo de certos fatores históricos. Os procedimentos variam. No Brasil, em que a burguesia custou a se formar e consolidar, onde a revolução burguesa se atrasou, a mentalidade das Forças Armadas impregnou-se da ideologia dos senhores de escravos e dos latifundiários. A mesma mesquinhez de propósitos, o mesmo desprezo pela gente do povo, idêntica covardia. Os generais falam como sátrapas, julgam uma insolência a menor crítica a eles dirigida. Consideram-se a elite de uma nação de servos.

É por isso que se impõe, no processo da luta pela verdadeira democracia, a liquidação da casta militar. Enquanto ela perdurar, o povo não terá liberdade, e se a obter, será precária. O progresso do Brasil exige, entre outras inadiáveis transformações, uma profunda reorganização das forças armadas que lhes dêem um novo conteúdo de caráter popular e nacional. Forças Armadas submetidas à vontade do povo e não superpostas à maioria da nação.

A despeito da fúria dos generais, é necessário continuar, mais e mais, a investigação dos fatos criminosos levados a efeito pelos DOI-CODIs em todo o país; a denunciar, sem contemplações, os que mandaram e os que executaram incríveis atrocidades. E não ficar apenas nos nomes. Os homens passam. Mas ir ao fundo da questão e apontar a instituição que as comandou, o regime que lhes deu origem, como a fonte das monstruosidades que envergonham a nação. É necessário remover as causas e não apenas os efeitos.

O povo brasileiro acabará triunfando na batalha contra o arbítrio e pela conquista da plena liberdade política. Aqueles que hoje se arrogam a palma de vencedores e, por conseguinte, o suposto direito de não serem censurados nem incomodados, afinal serão batidos. O argumento da força traduz em geral a fragueza de quem os invoca. Sua causa nao tem futuro■

"O movimento operário ergue-se com vigor crescente. Uma nova e grande fase abre-se na luta do proletariado brasileiro, decidido a vencer as forças reacionárias e contribuir para a transformação da sociedade. Historicamente, o Brasil marcha para o socialismo!"

Do documento do CC do PC do Brasil:
"POR UM MOVIMENTO OPERÁRIO COMBATIVO, UNIDO E CONSCIENTE"

O PTA Permanecerá Sempre Ao Lado dos Comunistas Revolucionários De Todo O Mundo

Mensagem recebida do Partido do Trabalho da Albânia, assinada pelo camarada Enver Hodja, grande dirigente do movimento marxista-leninista, em resposta às saudações que o Partido Comunista do Brasil enviou àquele partido por ocasião do aniversário da revolução e da libertação nacional da Albânia.

AO COMITÊ CENTRAL DO P.C. DO BRASIL

Ao Camarada JOÃO AMAZONAS

Queridos Camaradas

A mensagem fraternal que nos enviaram por motivo do 36º aniversário da libertação da pátria e do triunfo da revolução popular foi para o nosso Partido e para o nosso povo uma alegria particular, porque nela se expressavam os sentimentos sinceros de amizade e de solidariedade combativa dos nossos camaradas do mesmo ideal que lutam com bravura exemplar nas barricadas da luta de classes no Brasil.

Nesta ocasião, em nome do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, do povo albanês, bem como em meu nome pessoal, agradeço de coração os votos que nos enviaram. Ao mesmo tempo, desejamos êxitos ainda maiores na sua justa e intrépida luta pelos direitos fundamentais democráticos do povo trabalhador do Brasil, pela causa da revolução e do socialismo.

O Partido do Trabalho da Albânia valoriza muito a grande contribuição que dá o Partido Comunista do Brasil, com o nosso estimado camarada João Amazonas à frente, à luta histórica contra o revisionismo contemporâneo de todos os matizes, pela defesa e o triunfo da ideologia científica do marxismo-leninismo que ilumina o caminho e a luta vitoriosa do proletariado e dos povos revolucionários de todo o mundo.

Asseguramos que o Partido do Trabalho da Albânia permanecerá sempre ao lado do vosso heróico Partido, ao lado dos comunistas revolucionários de todo o mundo, da unidade inquebrantável à base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, da luta contra o imperialismo, o social-imperialismo, o revisionismo e a reação, pelo triunfo da grande causa comum do comunismo.

Tirana, 5 de dezembro de 1980

Enver Hodja

1º Secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Panorama Internacional

REAGAN na presidência dos EE.UU.

Nas eleições de fins do ano passado, para a presidência dos Estados Unidos, venceu Ronald Reagan, antigo e conhecido serviçal de poderosos monopólios norte-americanos, que governou o Estado da Califórnia seguindo religiosamente a política ditada por seus amos e protetores.

Com a eleição de Reagan, os monopolistas ianques variam outra vez de tática. Não deu certo a manobra tentada com Carter, de pretensa defesa dos direitos humanos. Os Estados Unidos, que aspiram à hegemonia mundial, encontraram muitos tropeços no seu caminho. Os povos não se deixaram enganar e a crise do sistema capitalista aprofundou-se seriamente. A outra superpotência, a União Soviética, avançava em algumas regiões, ameaçando as posições norte-americanas. E a revolução popular ressoava bem próxima, na Nicarágua, em El Salvador e em vários outros países da América Central. Daí a volta à velha política do "endurecimento" permanente, que Reagan apregoa.

Ele não promete paz, mas a guerra; não acena com o "abrandamento" do apoio às ditaduras militares, mas com o respaldo aos regimes chamados autoritários; não fala, mesmo enganosamente, em bem-estar imediato, mas num consumismo maior e a médio prazo. Vai mais à direita do que o seu antecessor, que deixa o governo bastante desmoralizado e humilhado com a fragorosa derrota no Irã.

Uma de suas primeiras medidas, foi aumentar substancialmente as verbas para a produção de armamentos, incluindo a bomba de nêutron. Em seguida anunciou a ida da esquadra ao Mar das Caraíbas a fim de tentar a intervenção em El Salvador, socorrendo a Junta Militar, isolada e praticamente destroçada pelo movimento popular de libertação. A visita do famigerado general Vernon Walters ao Brasil, que dirigiu por trás dos generais brasileiros o golpe de 1964, é sintomática do esforço que fazem os Estados Unidos para comprometer nessa empreitada, sob a bandeira da OEA, os países da América Latina.

A política externa de Reagan orienta-se, em especial, para o denominado Terceiro Mundo, onde espera impor sua completa dominação espoliadora, neo-colonialista, e barrar a penetração dos concorrentes imperialistas e social-imperialistas. Justamente por isso, trata de aparar as arestas com seus governos ditatoriais e arbitrários, em geral militares, seus melhores aliados no combate ao movimento de libertação nacional.

A política de Reagan dirige-se também contra os seus parceiros da Europa e da Ásia. Porque acirra a luta por mercados e zonas de influência e procura amenizar a crise em seu país à custa dos outros. Além do mais, há forças imperialistas na Europa, particularmente na Alemanha Ocidental, que não estão convencidas de ser o "endurecimento" puro e simples o melhor meio para salvar o capitalismo e defrontar a União Soviética. Preferem combinar a política de mão dura com o engano social-democrata dos trabalhadores e com acordos inconsistentes com a URSS, evitando ou adiando a guerra no continente europeu.

A equipe governamental do novo presidente norte-americano está composta do que há de mais reacionário no país. O general Haig, ligado aos fabricantes de armamentos, anticomunista furioso e ativo fautor de guerra, ocupa o Departamento de Estado. Nos demais postos encontra-se a quinta-essência do conservadorismo exasperado. São todos porta-vozes e representantes altamente credenciados dos monopólios estadunidenses em luta desesperada pelo domínio do mundo.

(continua na página 6)

Conferência Regional do Rio de Janeiro

Realizamos entre os dias 26 e 29 de dezembro p.p. a Conferência Regional do Partido no Rio de Janeiro. Participaram delegados eleitos em todas as bases e representantes de algumas frentes de implantação partidária.

A pauta da reunião foi dividida em três pontos: questões políticas e a luta interna; questões de organização; e eleição do Comitê Regional.

No primeiro ponto, a Conferência manifestou uma grande unidade em torno do Informe Político aprovado pelo Comitê Central em junho do ano transcorrido, e apoiou as justas medidas tomadas pelo CC em agosto, com relação aos elementos antipartido infiltrados no próprio CC e nos Comitês Regionais da Bahia e da E/1 de São Paulo.

No Rio, o grupo fracionista resolveu ignorar as advertências e as medidas práticas tomadas pelo Comitê Central, em agosto, e continuar sua atividade. Procuram militantes e simpatizantes do Partido tentando espalhar a confusão, partem para as calúnias e ataques pessoais, distribuem material contra o Partido, tentam solapar o trabalho dos comunistas no movimento de massas. No intuito de dividir o Partido, criaram um auto-denominado CR-RJ, que todos sabem nada representar, e com este título chegaram a participar de uma reunião nacional antipartido, onde quixotescamente dizem convocar um congresso do Partido. Também em nome deste suposto CR, distribuem documentos e convocam reuniões regionais. Abandonaram os organismos de que participavam e passaram a atuar por conta própria. Fazem o que podem para minar o Partido e confundir os menos avisados.

Este grupelho pequeno-burguês procura baralhar a análise da situação atual, para contrapor-se à política do Partido de preparar as massas para a situação revolucionária em gestação. Confundem estratégia e tática, defendem como alternativa imediata ao regime militar um chamado governo operário popular, fruto do subjetivismo de intelectuais, com certa influência trotsquista. Em nome da luta pelo socialismo, atacam a política do Partido. Colocam-se contra a luta por um governo democrático e da unidade popular e por uma Constituinte livremente eleita. Pretendem, assim, inutilmente, arrastar o Partido para o imobilismo. Na prática, com palavras bonitas querem amarrar as mãos do proletariado, deixando o caminho livre para a burguesia assumir a direção da revolução.

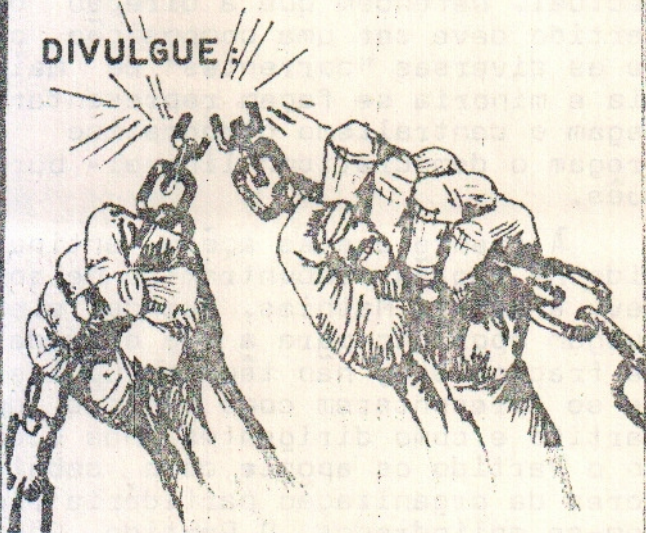
A concepção de partido destes oportunistas é a de um aglomerado liberal, em permanente culto da dúvida, do criticismo e do debate intelectual. Defendem que a direção do Partido deve ser uma composição onde as diversas "correntes" de maioria e minoria se façam representar. Negam o centralismo democrático e pregam o democratismo liberal-burguês.

À frente destas ações antipartido na região, encontram-se Nelson Levy e Delzir Mathias. Quando eles julgam oportuno para a sua atividade fracionista, não têm escrúpulos de se apresentarem como membros do Partido e como dirigentes. Mas quando o Partido os aponta como sabotadores da organização partidária fingem-se melindrados. O Partido Comunista, para travar com êxito a luta de classes, não pode tolerar em suas fileiras liberais pequeno-burgueses travestidos de revolucionários.

No segundo ponto da ordem-do-dia, a Conferência debateu a experiência de reestruturação do Partido neste período mais recente, e alguns problemas importantes de organização. Discutimos a necessidade de avançar no recrutamento de um grande contingente de operários para o Partido, de fortalecer as organizações de base e de prestar mais atenção à formação dos militantes, bem como de planejar o trabalho de finanças. Vimos também a necessidade de aperfeiçoar o trabalho de agitação e propaganda, em especial a utilização da imprensa de massas. A ajuda de diversos camaradas deve fazer avançar a construção do Partido na região do Rio de Janeiro.

Por fim, num clima de unidade e entusiasmo revolucionário, foi eleito o novo Comitê Regional, com os camaradas que se destacaram na aplicação da política do Partido e contam com o prestígio das bases.

A Conferência contribuiu para o fortalecimento do Partido Comunista do Brasil, reforçou a unidade de suas fileiras no Rio de Janeiro e avançou na criação das condições para a realização do Congresso do Partido, de acordo com as orientações do Comitê Central a esse respeito.

Continuação da página 4:
"Reagan — presidente dos EE.UU."

Tudo isto indica que o capitalismo ianque vive uma situação aflitiva. A atual mudança de Carter por Reagan, como a anterior, de Nixon por Ford e depois de Ford por Carter não alteram, no fundamental, o rumo dos acontecimentos. Comprova, apenas, que a margem de manobras dos imperialistas da América do Norte estreita-se continuamente.

É claro que a subida de Ronald Reagan prenuncia um novo agravamento das contradições do sistema imperialista. E esse agravamento, no essencial, ressalta ainda mais a necessidade da revolução. Os povos não se mostram dispostos a ser subjugados e escravizados pelo capital financeiro internacional, nomeadamente o dos Estados Unidos, e a servir de carne de canhão na disputa entre as grandes potências. A classe operária, que sofre as duras consequências da crise capitalista, levantar-se-á, não obstante o esforço que fazem os revisionistas e social-democratas, agentes da burguesia, para conter as suas lutas.

Com Reagan ou sem Reagan, o imperialismo caminha para o seu fim inevitável.

oo

Renegados da causa do proletariado revolucionário

EXPULSOS DAS FILEIRAS COMUNISTAS NELSON LEVY, OZÉAS DUARTE, DELZIR MATHIAS, JOSÉ NOVAIS, VLADIMIR POMAR E SEUS APANIGUADOS DE SÃO PAULO E DA BAHIA

"A teoria de 'superar' os elementos oportunistes através da luta ideológica travada dentro do Partido, a teoria de 'liquidar' estes elementos dentro do marco de um único Partido é uma teoria podre e perigosa, que ameaça condenar o Partido a uma paralisação e ao mal-estar crônico, que ameaça sacrificar o Partido em arras ao oportunismo, que ameaça privar o proletariado do seu Partido revolucionário, que ameaça despojar o proletariado da sua arma principal na luta contra o imperialismo". (J. Stálin)

Em consequência de atividades antipartido, fracionista e liquidacionista, desenvolvida por elementos arrivistas que penetraram no Partido, foram expulsos de suas fileiras Nelson Levy e Delzir Mathias (pela Conferência Regional do Partido Comunista do Brasil no Rio de Janeiro); Ozéas Duarte e mais quatro componentes da direção de um antigo Comitê do Partido em São Paulo (pelo Comitê Reorganizado da El de São Paulo); José Novais e dois outros ex-dirigentes destituídos do Comitê Regional (pelo Comitê Regional Reorganizado da Bahia). Estas decisões foram ratificadas pelo Comitê Central, conforme o artigo 21º dos Estatutos, Parágrafo Único.

Vladimir Pomar, cuja situação partidária depende de um pronunciamento definitivo do órgão superior, foi expulso pelo Comitê Central do Partido.

Os militantes que não se incorporaram efetivamente à organização e ao trabalho do Partido (não passam de umas poucas dezenas em todo o país) são considerados, de acordo com o artigo 5º dos Estatutos, desligados do Partido.

Com estas medidas, tomadas somente depois de um longo processo de discussão e de esforços persuasivos do qual participou o conjunto do Partido para esclarecer problemas e tentar demover os recalcitrantes da posição fracionista, encerra-se o capítulo da luta interna que se travou durante mais de um ano em defesa do Partido e do marxismo-leninismo. Seus resultados constituem uma grande vitória do PC do Brasil, que se reforçou ideológica, política e organicamente, tornando-se mais sólida a unidade combativa e revolucionária de suas fileiras.

RESOLUÇÃO DO Ct.R. DA BAHIA SOBRE A EXPULSÃO DE LIQUIDACIONISTAS DAS FILEIRAS PARTIDÁRIAS

O Comitê Regional da Bahia do PC do Brasil, reorganizado por decisão do Comitê Central de agosto passado, em sua última reunião plenária fez um balanço do seu trabalho na região e tomou medidas relativas a ex-dirigentes do Partido na Bahia.

O Comitê Regional constatou que foi restabelecida a unidade marxista-leninista do Partido neste Estado. Nenhuma ação desagregadora, divisionista ou antipartidária teve mais lugar no seio do Partido. O estudo do marxismo-leninismo, da situação concreta e o debate de idéias revolucionárias voltaram a se desenvolver organizadamente. O Partido deixou de se "esconder", lançou-se à atividade política e cresce. Seus efetivos mais que dobraram em menos de cinco meses. Na classe operária, onde o antigo CR tinha um trabalho insignificante, a presença partidária vai aumentando, embora seja ainda insuficiente. No meio rural o trabalho se desenvolve e as perspectivas são de rápido avanço. No movimento estudantil seguimos conquistando vitórias e ajudando a dinamizar as combativas entidades dos estudantes. A reorganização em bases leninistas da direção regional do PC do Brasil na Bahia mostra ter sido uma medida justa e indispensável para o Partido da classe operária no Estado.

O Comitê Regional examinou também a prática recente dos divisionistas que aqui atuavam até a reorganização da direção em setembro passado. Observou que eles se auto-excluíram do Partido desde então, por se recusarem a acatar a disciplina e o centralismo democrático. Verificou que os principais dentre eles enveredaram pelo caminho da hostilidade aberta ao Partido, comportando-se como pessoas carentes de bandeiras próprias e que vivem de contestação das posições e dos feitos do Partido, tudo fazendo para desagregar e desacreditar a vanguarda comunista no Brasil.

Especial atenção do CR/Ba mereceu a análise das atitudes de José Novais e dos divisionistas que internamente eram conhecidos pelos nomes de Julia e Pedro. Estes três indivíduos foram na Bahia os principais protagonistas do liquidacionismo que aqui se formou, defendendo no início posições arraigadamente direitistas e depois trocadas atropeladamente por posições "esquerdistas". Os três, desde o final de 1979 até meados de 1980, ao invés de levarem à prática a linha revolucionária do Partido, romperam com a disciplina. Pregavam a idéia de que o regime dos militares estava se consolidando, "reestruturando bases de apoio com êxito", que a crise existente não era tão "ampla" nem "plenamente configurada", que falar de gestação de uma crise revolucionária é "confundir-se com aspectos da prática trotequista", que "as massas populares e operárias não vêm abraçando as bandeiras democráticas mínimas", etc.etc. Todos os que discordavam desse direitismo eram tachados publicamente de "esquerdistas", "triunfalistas", "voluntaristas", "blanquistas", etc. Novais, entre outras atitudes antipartidárias, chegou a dar entrevista a um órgão de imprensa pregando opiniões claramente opostas à tática do Partido e se declarando "dissidente" do PC do Brasil, como se estivesse num partido liberal-burguês, sem disciplina e sem centralismo democrático.

O Comitê Central, em agosto de 1980, apoiado no art. 22º dos Estatutos, reorganizou o Comitê Regional da Bahia, afastando das posições que ocupavam, entre outros, José Novais, Julia e Pedro, "por atividade antipartidária que viola a disciplina e as normas estatutárias". A partir daí, esses três elementos aprofundaram sua atitude de aberto confronto com os comunistas e de ativa militância contra o PC do Brasil. Passaram a esposar posições "esquerdistas". O pensamento do Partido sobre o desenvolvimento de fatores que podem levar o país a uma situação revolucionária deixou de ser tido como "erro evidente"... Começaram a dizer que estávamos a viver ou prestes a viver uma situação revolucionária. Sobre as decisões do CC, declararam que não as respeitavam e deliberaram tentar usurpar o nome do PC do Brail e utilizá-lo para acobertar sua atividade de grupo fracionista, antipartido e anticomunista. Novais assumiu uma pretensa convocação de congresso inteiramente à margem do Partido, feita por uma chamada Reunião de Consultas onde os liquidacionistas estiveram maquinando

planos contra o Partido. Os três são responsáveis principais pela edição na Bahia de um folheto intitulado "Luta Proletária", no qual o nome do nosso glorioso Partido é usado de forma provocadora, como se fosse o patrocinador daquela canhestra publicação.

O Comitê Regional da Bahia, levando em conta que Novais, Julia e Pedro já foram advertidos e destituídos de funções pelo Comitê Central em decorrência de violações reiteradas da disciplina partidária, considerando que os mesmos, após sofrerem sanções em agosto passado, persistiram e aprofundaram suas práticas liquidacionistas, afastando-se inteiramente da vida partidária, atacando a linha, o programa, a direção e todo o PC do Brasil, ao tempo em que procuram enganar pessoas amigas acobertando-se no respeitável nome do Partido, e levando ainda em conta que o artigo 21º dos Estatutos prevê como medida disciplinar subsequente à destituição de funções a expulsão,

DELIBERA expulsar das fileiras do Partido Comunista do Brasil:

José Novais, Julia e Pedro.

Toda a organização partidária deve desmascarar no ato e com energia esses elementos onde quer que procurem se apresentar, aberta ou veladamente, como membros do PC do Brasil, assim como os que se auto-excluíram e os seguiram.

O Partido marchará unido para a realização vitoriosa do seu próximo Congresso e para o cumprimento de sua elevada missão, depurado de liquidacionistas de qualquer tipo.

RESOLUÇÃO DA CONFERÊNCIA REGIONAL DO P.C. DO BRASIL DO RIO DE JANEIRO (sobre a luta interna)

1- Reafirmar o apoio dos comunistas do Rio de Janeiro à linha revolucionária do Partido que, particularmente depois de sua reorganização em 1962, vem estabelecendo um nítido divisor de águas entre os revolucionários proletários e os revisionistas e oportunistas. Reafirmamos o apoio ao Informe Político aprovado pelo CC em junho passado e suas corretas orientações táticas.

2- Apoiar o tratamento dado pelo CC à luta contra os elementos antipartido e às justas decisões em relação aos fracionistas que estavam no próprio CC e nos Ct.Rs. da Bahia e da E/1 de São Paulo. Apoiar igualmente as orientações do CC em relação ao Congresso do Partido.

3- Expulsar do Partido, de acordo com o artigo 21º dos Estatutos, Nelson Levy e Delzir Mathias, que encabeçam o trabalho antipartido na região. Estes dois elementos, não só ignoram as decisões do CC de agosto passado, como aprofundaram a sua atividade fracionista no Rio de Janeiro. Mostraram, na prática, ter como meta principal a liquidação do Partido. Não podem de forma alguma fazer parte de nossas fileiras. Pensamos que esse deve ser o destino de todos os elementos antipartido, em todas as regiões.

4- Reafirmar que somente estão nas fileiras do Partido Comunista do Brasil, no Rio de Janeiro, os militantes e organismos estruturados sob a direção do Comitê Central e do Comitê Regional eleito nesta Conferência.

A Conferência destacou a necessidade de vigilância para evitar que, ao combater as idéias oportunistas, não se caia no sectarismo. A luta ideológica e a luta política junto às massas exige firmeza de princípios mas flexibilidade em criticar camaradas equivocados mas honestamente interessados na defesa do Partido e da revolução. Não podemos confundir o combate aos oportunistas antipartido com a discussão necessária para sanar divergências naturais que surjam nas fileiras partidárias.

RESOLUÇÃO DO Ct.R. REORGANIZADO DA E-1 DE S.PAULO SOBRE A EXPULSÃO DE CINCO ELEMENTOS DAS FILEIRAS PARTIDÁRIAS

O Comitê Regional da E/1 de São Paulo, reorganizado pelo Comitê Central, aplicando as resoluções do CC de agosto de 1980, e depois de estabelecer contato com organizações e militantes dessa Estrutura, examinou detidamente a atividade dos elementos antipartido que aí atuavam e decidiu tomar as medidas que o caso está a exigir.

1- Destacam-se no ativo trabalho cisionista e antipartido nas fileiras da E/1: Julia, Ana, Conrado e Carlos (conhecido também como Rocha), membros da antiga direção desse organismo. Estes elementos desde longa data vêm desencadeando febril atividade desagregadora no interior do Partido. Impediram o contato normal do assistente do CC com o conjunto da E/1. Negaram qualquer tipo de informação sobre a organização partidária. Buscaram articulações paralelas e extra-partidárias em várias regiões do país, fomentando a divisão e esforçando-se por desacreditar o Partido e sua direção. Levaram as idéias antipartido e fracionistas ao antigo Comitê Regional da Bahia aí articulando um grupo de comparsas. Organizaram indivíduos hostis ao Partido onde puderam. Passaram a se constituir no principal núcleo de apoio para os chefetes antipartido tais como Vladimir Pomar, Ozéas Duarte, Nelson Levy e outros. Rejeitaram a Resolução do CC sobre a dissolução da direção da E/1 de São Paulo, elevando ainda mais o nível dos ataques ao Partido e à sua direção central. Mais recentemente, incluíram-se entre os responsáveis pela convocação de uma chamada Reunião de Consultas antipartido, passando, desde aí, a formalizar a rutura total com o Partido. Transformaram-se assim em sabotadores dos nossos objetivos e inimigos mortais das idéias e posições do Partido. Em defesa do Partido não resta outro caminho ao Comitê Regional Reorganizado da E/1 senão a exclusão desses indivíduos do seio do Partido.

2- No desenvolvimento dessa crescente atividade antipartido em São Paulo destaca-se, sobretudo, Ozéas Duarte. Ele foi destituído do CC por ser considerado um dos principais responsáveis pela ação liquidacionista contra o Partido. Em São Paulo, permanece vinculado à E/1, da qual é o mentor ideológico e político na luta contra o nosso Partido. Ozéas, porta-voz das proposições fracionistas, apresenta-se abertamente como dirigente do grupo cisionista. Está no centro da convocação de inexpressivas reuniões e "conferências" para denegrir o Partido. Neste momento, encabeça a lista dos que convocaram um suposto congresso, visando desnortear as forças aliadas e confundir a opinião pública. Ozéas prossegue à frente de uma empresa que vem se constituindo num centro de irradiação de idéias contrárias às do Partido. Desta maneira, distingue-se como renegado e articulador das ações desagregadoras contra nosso Partido.

3- A atividade antipartido de Ozéas, Julia, Ana, Conrado e Carlos, os caracteriza claramente como inimigos das idéias do proletariado e refletem concepções anticomunistas. Semelhante comportamento é incompatível com a condição de membro do glorioso PC do Brasil.

Face à atividade antipartido e desagregadora de Ozéas Duarte, Julia, Ana, Conrado e Carlos — e atento aos anseios da totalidade dos Comitês Regionais e militantes do Partido, do Comitê Regional de São Paulo expresso na recente Conferência Regional do Partido — por unanimidade de votos o Comitê Regional Reorganizado da E/1 de São Paulo decidiu expulsá-los das fileiras partidárias, de acordo com o artigo 21º dos Estatutos.

O Comitê Regional Reorganizado da E/1 de São Paulo conclama mais uma vez os militantes da E/1 a cerrar fileiras em torno deste Comitê. Impõe-se desmascarar até o fim os renegados e inimigos do Partido e do proletariado.

O COMITÊ REGIONAL REORGANIZADO

DA E/1 DE SÃO PAULO

resolução do c.c. sobre a expulsão de vladimir pomar

Em sua reunião plenária de março de 1980, o Comitê Central do PC do Brasil decidiu punir com uma censura pública Vladimir Pomar por sua atividade antipartidária. Simultaneamente resolveu condicionar sua condição de militante a uma severa autocrítica do seu comportamento na prisão, reconhecendo abertamente os gravíssimos erros cometidos.

Posteriormente, em documento assinado e por ele distribuído, Vladimir insiste em escamotear sua posição indigna na prisão, clara e comprovadamente exposta no Informe de março de 1980. Alega que o depoimento em cartório é uma peça que não se deve levar muito em conta... que o depoimento em cartório, mesmo devidamente assinado, não serve de base ao julgamento... que assinar tal depoimento (com ataques ao Partido e delações de companheiros) é um fato de somenos importância... Quer convencer que o seu depoimento está fora do contexto da prisão, fora do enfrentamento com o inimigo de classe. Mas um depoimento assinado na polícia, com denúncias e afirmações censuráveis é uma prova de confissão e, portanto, peça-chave no julgamento da atitude de qualquer militante, mormente se este declara, como fez Vladimir, não haver sofrido sequer um arranhão no ato de prestar o depoimento e durante o período de prisão. Esta tem sido a prática na história do movimento comunista. Todas as justificativas de reduzir o papel de suas confissões espontâneas no depoimento é uma forma de ocultar a sua vergonhosa capitulação diante do inimigo de classe, sua traição ao Partido. É evidente, assim, que esse indivíduo não fez nenhuma autocrítica do seu comportamento na prisão como exigia a decisão de março de 1980 do Comitê Central. De tal modo, não podia mais ser considerado como militante do Partido.

Quanto a sua atividade antipartido, ele não somente não a renegou como prosseguiu ativamente num trabalho calunioso e contrário a todas as normas comunistas. Utiliza nesse trabalho não apenas as mentiras mais deslavadas como igualmente a provocação política, característica de todos os renegados da causa do proletariado revolucionário. Tendo em vista "fundamentar" o ataque ao Partido e à sua direção, Vladimir montou uma versão própria, deturpada do princípio ao fim, da história recente do Partido. Veiculou a versão da existência de uma fictícia maioria no seio do CC que seria dirigida pelo camarada Pedro Pomar, um antigo e respeitado dirigente do nosso Partido assassinado em 1976, "maioria" que se opunha à linha revolucionária do PC do Brasil. Tenta enlamear, assim, o nome e a memória de seu pai. Lança mão de tudo que pode ser contra o Partido, ressucitando inclusive a esfarrapada tese maoísta do "partido revolucionário de tipo inteiramente novo", ao mesmo tempo em que apoia as velhas teses trotsquistas acerca do partido da classe operária. Utiliza a imprensa burguesa para lançar ataques ao Partido e aos seus dirigentes. Carreirista conhecido, esforça-se para se colocar à frente daqueles que pregam a liquidação do Partido marxista-leninista existente. Toma ares de grande chefe e posa de "sucessor" de seu pai, como se no movimento operário e comunista houvesse lugar para o nepotismo e a sucessão de herdeiros consagrados.

Elemento desse jaez é indigno de pertencer às fileiras partidárias. De há muito o conjunto do Partido exige a sua exclusão das hostes comunistas.

Face à atividade antipartido e à sua recusa em reconhecer seus erros na prisão, o Comitê Central do PC do Brasil decide por unanimidade de votos formalizar a expulsão de Vladimir Pomar das fileiras partidárias.

Fevereiro de 1981

O Comitê Central do

Partido Comunista do Brasil

MENSAGEM DA CÉLULA CARLOS DANIELLI/SP

NÃO HÁ LUGAR PARA FRACIONISTAS NO P.C. DO BRASIL

Ao CC do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
Queridos Camaradas

Apoiamos sem reservas a conduta do CC na luta contra o liquidacionismo e os liquidacionistas dentro do Partido. O PC do Brasil não poderia agir de outra forma. Qualquer complascência com essa gente seria injustificável, ainda mais num momento em que a fermentação da crise nacional requer mais do que nunca um partido comunista de ação política de massas.

Este organismo sofreu na carne a sabotagem dos liquidacionistas. Desde os primeiros passos de nossa tarefa, ficou claro que eles trabalhavam para levá-las ao fracasso. Seus argumentos eram defensivos, de costas para as massas trabalhadoras e a realidade. Quando a vida os desmentiu, em vez de se emendarem, passaram ao ataque público, com magros resultados, é verdade, mas com o rancor de verdadeiros inimigos do Partido.

Agora que esta nova batalha contra o liquidacionismo parece caminhar para o desfecho, com a vitória completa do Partido, extraímos dela algumas lições:

1- Não há lugar para oportunistas dentro do PC do Brasil. Ele é e precisa ser cada vez mais um bloco compacto, unido em torno de sua linha marxista-leninista, empenhado em ganhar para ela grandes massas de operários e trabalhadores. Quem trabalha contra esta unidade não merece o título de comunista.

   Naturalmente, os senhores oportunistas têm o direito de mover sua cruzada política contra o Partido, contra o presente e o passado do movimento comunista marxista-leninista mundial, em nome da liberdade de crítica e da democracia. Mas que o façam fora do Partido. Nós, comunistas, em nome da liberdade de organização, também temos o direito de varrer nossas fileiras dessa escória pequeno-burguesa.

2- Ser comunista é uma opção cotidiana. Lutamos em condições de cerco ideológico burguês e pequeno-burguês e não existe vacina que nos imunize para sempre contra o bacilo da ideologia hostil. O único tratamento que previne a contaminação é o combate incessante e implacável a tudo que seja estranho à ideologia proletária. Tanto o Partido em seu conjunto, como cada organismo e militante em particular são responsáveis diretos por este combate.

3- O Partido se fortalece depurando-se. Ao livrar-se dos oportunistas, ele cresce não só em unidade e coerência marxista-leninista, mas em todos os sentidos. Em especial cria condições para um avanço significativo da sua influência no movimento operário e popular.

4- O expurgo dos liquidacionistas acelera também as condições para a preparação do Congresso do Partido. O PC do Brasil capacita-se a realizar um congresso de unidade, de reafrimação do seu caráter proletário-revolucionário, de desenvolvimento da sua linha marxista-leninista. Cria condições também para superar outras deficiências no coletivo partidário, difíceis de serem tratadas sem eliminar a confusão gerada pela atividade antipartido. Enfim, cria condições para um congresso em tudo oposto à encenação pequeno-burguesa cuja convocaçao acaba de ser publicada pelos oportunistas num órgão da imprensa trotsquista.

Acreditamos que será nos debates do congresso que terminaremos de reduzir a pó e cinzas as teses antimarxistas-leninistas que tentaram contaminar o organismo sadio do Partido ■

Organização de Base
Carlos Danielli - SP

APOIO DOS COMUNISTAS DO ESPÍRITO SANTO

Após tomar conhecimento do Informe do Comitê Central de março de 1980, tratando de questões ligadas a correntes e posições liquidacionistas e desviacionistas, o Comitê Regional Provisório do Espírito Santo discutiu-o e levou-o ao conhecimento das bases em organização para debate.

Grande parte das questões ali colocadas já eram do conhecimento de uma parte dos militantes, por terem sido ventiladas pela imprensa democrática. Diante das questões colocadas pelo Informe e após os debates da mesma no seio do coletivo de direção provisória e consulta às bases, o CR do Espírito Santo decidiu, em reunião realizada em outubro de 1980, hipotecar total solidariedade ao CC do PC do Brasil e aos camaradas que cerram fileiras em torno da defesa do Partido e da justa aplicação de sua linha política, traçada na VII Conferência Nacional e sistematizada no Informe Político de junho de 1980.

Consideramos o procedimento dos elementos ligados à E/1 de São Paulo, ao CR da Bahia e demais membros do Partido que não obedecem aos preceitos estatutários e ao centralismo democrático, liquidacionista e desagregador, podendo causar prejuízos à luta da classe operária e dos comunistas do Brasil e à estrutura global do PC do Brasil num momento em que ele precisa de todos os seus militantes integrados ao trabalho organizativo e político.

E ainda: diante dos constantes pedidos de integração feitos pelo CC aos camaradas refratários e das insistentes manifestações desagregadoras e fracionista deles, o CR Provisório do E. Santo apoia toda atitude punitiva emanada do CC, além do que já foi dado a divulgar pelo Informe de Março de 1980 e por A CLASSE OPERÁRIA de agosto-setembro desse ano.

Informamos ainda aos camaradas do CC do PC do Brasil, que em nossa região o trabalho aliciador dos liquidacionistas e fracionistas não encontrou campo fértil e jamais encontrará. Aqui eles não conseguiram aportar nem abordar nenhum membro do Partido, já que estão todos empenhados em reconstruir o Partido e aplicar sua justa linha política.

Alertamos ainda a todos os camaradas que cerrem fileiras em torno do Comitê Central do Partido, dos camaradas João Amazonas, José Duarte, Renato Rabelo e demais membros do CC. Também em torno do Comitê Regional Provisório do Espírito Santo, empenhado em reconstruir e reorganizar o Partido dentro das concepções emanadas do espírito revolucionario do PC do Brasil, das Resoluções da VII Conferência Nacional e do Informe de Junho de 1980 e redobraram a vigilância revolucionária para afastar das fileiras do Partido os liquidacionistas, fracionistas e as idéias perniciosas à classe operária e à sua organização de vanguarda, que é o Partido Comunista do Brasil.

Lembramos ainda que os Estatutos do Partido existem para serem obedecidos e que as atitudes dos elementos da E/1 de São Paulo e do Comitê Regional da Bahia (destituídos) ferem os princípios leninistas de organização. Questões internas devem ser tratadas internamente e não aceitamos sequer a insinuação de que não existe democracia interna no Partido, já que a própria existência dos organismos provam isso, além do justo tratamento que o CC vem dando à questão da luta ideológica. O debate é levado a todas as bases, sem distinção.

Diante do exposto, queremos mais uma vez deixar claro que o Comitê Regional Provisório do PC do Brasil no Espírito Santo está solidário com o Comitê Central e manifesta o seu repúdio pelas atitudes dos liquidacionistas e fracionisas da E/1 de São Paulo e do CR da Bahia (destituídos), cerrando fileiras em torno da unidade do Partido e da justa linha política emanada da VII Conferência Nacional e do Informe Político de junho de 1980■

HOMENAGEM

A CARLOS DANIELLI

Em data próxima serão trasladados para o Estado do Rio de Janeiro os restos mortais de CARLOS DANIELLI, trucidado no cárcere em fins de 1972 e sepultado às escondidas num distante cemitério da região de Perus, em São Paulo. Com esse ato, os companheiros e amigos desse destacado revolucionário proletário, heróico combatente da luta contra a ditadura militar-fascista, prestam-lhe merecida homenagem, reverenciando o seu nome e salientando o seu exemplo de fidelidade a toda prova à causa da liberdade e do socialismo.

Em memória de Danielli serão realizadas duas sessões solenes: uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, além da cerimônia fúnebre no cemitério de Niterói onde os seus ossos serão inumados.

Ainda num preito de reconhecimento e gratidão a Carlos Danielli, sua biografia será reeditada. E o seu retrato inaugurado em um dos Centros de Cultura Operária.

Este jornal, que contou durante vários anos com a sua prestimosa ajuda e colaboração, publica a seguir seus traços biográficos nos quais se reflete o muito que ele deu de si para a libertação nacional e social do povo brasileiro.

• • •

CARLOS DANIELLI nasceu em 1929 no Estado do Rio de Janeiro, filho de uma família operária. Muito jovem ainda começou a trabalhar nos estaleiros de construção naval em São Gonçalo. Aos quinze anos já participava do movimento operário e patriótico. Quando foi reconstruída a União da Juventude Comunista, em 1946, Danielli nela ingressou, sendo mais tarde indicado um de seus principais dirigentes. Em 1948, tornou-se membro do Partido Comunista do Brasil. A adesão à causa do comunismo norteou toda a sua vida. Trabalhou com abnegação, lutou sem medir sacrifícios e morreu heroicamente em defesa dessa causa. Jamais vacilou no desmascaramento do oportunismo, na salvaguarda dos princípios doutrinários revolucionários e da organização partidária. Sempre teve uma vida simples, de proletário revolucionário. Era modesto e profundamente solidário com seus camaradas. Militando no Partido, compreendeu a importância da teoria marxista-leninista para orientar a revolução brasileira. Estudioso, procurava enriquecer seus conhecimentos e aplicá-los à realidade do país. Em toda a sua atividade, manifestava grande entusiasmo pela revolução e pela construção do Partido.

Aos 25 anos foi eleito membro do Comitê Central no IV Congresso do Partido, em novembro de 1954. Nesse Congresso ele afirmava: "Para a formação dos quadros do Partido é preciso travar a luta sistemática contra todas as manifestações das ideologias estranhas à ideologia socialista, o que se torna possível à medida que os quadros partidários assimilam a teoria marxista-leninista."

Quando, em 1956, os revisionistas tentaram dissolver a União da Juventude Comunista, Danielli, que se encontrava à frente dessa organização, opôs-se firmemente às manobras liquidacionistas. Posteriormente, discordou da orientação oportunista adotada por Prestes e seus seguidores. No V Congresso, em 1960, salientou-se na contestação ao revisionismo e pela adoção de uma linha revolucionária, marxista-leninista. Juntou-se aos camaradas Amazonas, Grabois, Pomar e outros que, nesse Con-

gresso, erguiam suas vozes no combate desigual, mas corajoso e frutífero, ao oportunismo em ascensão. Por sua intransigência com a linha direitista aprovada no V Congresso, Danielli foi alijado do posto de membro efetivo do Comitê Central. Ante a ameaça de liquidação do antigo partido da classe operária, sustentou uma atitude inflexível de defesa da vanguarda proletária e de suas tradições revolucionárias.

Carlos Danielli deu valiosa contribuição para reorganizar o Partido Comunista do Brasil. Foi um dos organizadores da Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962, sendo nela eleito membro do Comitê Central e da Comissão Executiva, cargos que ocupou até a sua morte, em 29 de dezembro de 1972. Nesses quase onze anos, dedicou o melhor de sua capacidade e de suas forças à luta pela reconstrução do Partido e pela elaboração e aplicação de sua linha revolucionária. Como verdadeiro comunista, não escolhia tarefas. Estava sempre disposto a realizar qualquer missão designada pelo Partido. Dirigente de grande firmeza e habilidade política, foi ele quem iniciou os contatos com a Ação Popular (AP) que resultaram, mais tarde, na incorporação dessa corrente revolucionária às fileiras do PC do Brasil. Era um entusiasta da preparação da luta armada; e se empenhou, de corpo e alma, para que o Partido estivesse à altura de cumprir o seu papel no combate à ditadura militar-fascista e pela libertação nacional e social do povo brasileiro. Quando começou a resistência armada do Araguaia manifestou o seu decidido apoio a esse movimento e empenhou-se ardorosamente na solidariedade aos guerrilheiros.

Internacionalista consequente, foi partidário convicto da unidade do movimento operário e comunista mundial à base do marxismo-leninismo. Em fins de 1971, chefiou a delegação do PC do Brasil ao VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, pelo qual nutria grande admiração. Sempre se esforçou para estreitar os laços de amizade e camaradagem entre o nosso Partido e os demais Partidos marxistas-leninistas irmãos. Defensor intransigente dos princípios revolucionários nas relações internacionais, criticava já então as posições vacilantes da China. Em sua última viagem a esse país, no começo de 1972, expressou aos dirigentes chineses, em nome do Comitê Central do nosso Partido, discordâncias sobre várias posições de princípio.

Destacado membro do Comitê Central, Danielli era um dos mais visados pelas forças da reação fascista. Seu nome de há muito constava da lista preparada pelos órgãos de repressão das pessoas a serem friamente exterminadas. Ao ter conhecimento desse sinistro propósito, afirmou categoricamente: "Minha decisão está tomada. Serei fiel até o fim à revolução e ao Partido". Preso ao anoitecer de 28 de dezembro de 1972, enfrentou com valentia invulgar seus carrascos. Cumpriu seu dever de revolucionário proletário. Honrou no mais alto grau sua condição de comunista.

Glória eterna a esse herói da classe operária e do povo brasileiro!

EM DEFESA DA LIBERDADE

O Comitê Regional de Minas Gerais do Partido Comunista do Brasil vem manifestar seu mais veemente repúdio à farsa montada pela ditadura militar com o objetivo de enquadrar na Lei de Segurança Nacional alguns jornalistas mineiros. Ao mesmo tempo manifesta seu apoio e solidariedade aos profissionais da imprensa como um todo e, em particular, aos atingidos, uma vez que tal enquadramento constitui um atentado ao livre exercício da atividade profissional e grave ameaça ao conjunto da categoria e da sociedade.

Como é do conhecimento público, este Comitê Regional, no dia 7 de setembro do ano passado, enviou a personalidades, entidades e agências de notícias um manifesto denunciando e protestando contra a escalada de entreguismo em que o regime dos militares lançou o país, com graves consequências para o nosso povo. Alguns jornalistas da Rádio Iatiaia e da Rádio Jornal do Brasil, cumprindo um dos mais elementares deveres do profissional de imprensa — o de informar — noticiaram o fato.

A resposta dos generais, que à revelia da vontade popular se arvoram em árbitros da nação, não tardou: forçaram a demissão de alguns desses jornalistas e iniciaram um processo atualmente em curso na Justiça Militar.

Os generais procuram reduzir o processo a uma questão meramente jurídica, acusando os profissionais de terem infringido artigos de sua fascista Lei de Segurança. Falseiam ainda os fatos, veiculando a versão de que os acusados seriam os autores do manifesto.

Na verdade, o processo não é jurídico, é político. O que está em julgamento não são as supostas transgressões da lei. O que está em julgamento é o livre exercício da profissão pelos jornalistas, é o mais elementar direito de informar e ser informado, são as mínimas liberdades conquistadas pelo povo após 15 anos de fascismo. O processo não passa de uma maquinação que visa ameaçar e tolher ainda mais o exercício da liberdade de imprensa, intimidar os jornalistas estabelecendo nova forma de censura, através de punição aleatória e injusta.

Os generais têm medo da verdade. Por isso, desde 1964 procuram exercer rígido controle sobre os meios de comunicação. Da rotina dos censores nas redações, das apreensões de jornais, da censura prévia, à nova Lei de Segurança, o caminho é um só: a feroz perseguição à livre circulação de notícias e de idéias.

O Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922 e reorganizado em 1962, sabe, por experiência de mais de meio século, que a fúria dos generais é ainda maior quando a verdade dita parte daqueles que encarnam os anseios da classe operária: os comunistas.

Mas os generais se enganam se pensam que sua brutalidade impede que a verdade apareça. Ao contrário, este processo serve apenas para confirmar quão falsas são suas promessas de "abertura", de "fazer deste país uma democracia". Mostra que se o povo quiser conquistar um regime de amplas liberdades políticas, onde possa exercer e defender os seus direitos, terá que derrocar o regime dos generais.

Neste sentido, o Comitê Regional de Minas Gerais do Partido Comunista do Brasil considera que a Constituinte livre e soberana, convocada por um governo democrático e de unidade popular, será a legitimação do caminho percorrido pelas massas populares e setores democráticos na sua luta por liberdade e por melhores condições de vida.